

APRENDIZAGEM GEOGRÁFICA: A PERCEPÇÃO DOS FORMANDOS DO ENSINO MÉDIO NORMAL EM ALAGOA GRANDE – PB

Jonathas Eduardo Domingos Moraes

jedmoraes@yahoo.com.br

Graduado em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba

Josandra Araújo Barreto de Melo

jossandra.barreto@gmail.com

Prof. Dra. Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO

O presente artigo objetiva discutir a percepção do Ensino Aprendizagem em Geografia a partir da visão dos Formandos do Ensino Médio Modalidade Normal no Município de Alagoa Grande – PB. Nesse contexto evidencia-se a visão dos futuros professores quanto a Geografia numa perspectiva de compreender melhor a Formação existente durante a capacitação profissional dos mesmos. As dificuldades e incertezas quanto às práticas, metodologias na Geografia Escolar são presentes em suas experiências e dialogam com o direcionamento da Formação. É de fundamental importância compreender as representações sociais como aliadas no Ensino de Geografia, no intuito de que, percebamos o vivido/percebido nessa aprendizagem como forma de entendermos melhor o mundo e suas múltiplas interações numa proposta objetiva de termos uma Geografia mais Pedagógica, Cultural, que dessa maneira a aprendizagem não seja alheia a vida dos alunos e tenhamos uma Alfabetização Geográfica a partir de uma sólida formação profissional.

Palavras Chave: Geografia; Ensino; Aprendizagem; Normal; Percepção.

ABSTRACT

This article discusses the perception of Higher Learning in Geography from the perspective of Graduates of High School Normal mode in the city of Alagoa Grande - PB. In this context it becomes clear vision of future teachers and geography in order to understand better the existing training during the professional training of them. The difficulties and uncertainties regarding the practices, methodologies in geography are present in their school experiences and dialogue with the direction of training. It is of utmost importance to understand the social representations as allies in the Teaching of Geography in order that we perceive the living/ learning as perceived in this way to better understand the world and its multiple interactions in terms of a proposal aimed more Geography Educational, Cultural, that learning this way is not unrelated to students' lives and have a Geographic Literacy from a solid professional training.

Keywords: Geography, Teaching, Learning, Normal, and Perception

INTRODUÇÃO

Analisar a práxis da Geografia vivenciada pelos formandos do Ensino Médio, Modalidade Normal, e relacioná-la com a sua percepção da Geografia Escolar, bem como identificar as contribuições da Geografia na Educação Básica e o descompasso existente entre seus objetivos e a interferência da compreensão da importância desse estudo na Escola Normal Estadual Ministro Oswaldo Trigueiro de Melo em Alagoa Grande – PB são objetivos dessa pesquisa.

Não apenas alunos, os formandos do Ensino Médio Modalidade Normal são ativos no processo educativo dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, sendo o público foco de seus trabalhos.

Recebido em 07/02/2011

Aprovado para publicação em 04/07/2011

Pretende-se aqui refletir a percepção desses profissionais acerca da Geografia Escolar no sentido de propor uma reflexão sistemática da prática pedagógica dessa disciplina e o reconhecimento de sua importância na Educação, tendo em vista as discussões tecidas no decorrer desse texto que buscaram a afirmação efetiva da Geografia no cotidiano escolar.

O professor das primeiras séries no ensino fundamental também é Professor de Geografia, com isso não se está defendendo que a Geografia é mais importante que as demais disciplinas, nem que resolverá os problemas da sociedade e do mundo atual, mas por ter-se a certeza da sua importância na construção de uma aprendizagem significativa para os alunos do ensino fundamental, na medida em que suscita os questionamentos das relações sociais instituídas, das ações antrópicas na modificação da natureza, da cidadania como forma de atuação crítica, nessa ampla busca de entender o mundo, ressalta-se a sua importância.

Não se trata de atribuir para a Geografia Escolar um papel de vítima do currículo escolar fundamental, o que se propõe é uma revalorização das atitudes assumidas diante da certeza da importância desse ensino, assim como dos demais. Existe uma prática dentro do cotidiano escolar das séries iniciais do ensino fundamental onde o aluno está preparado para a aprovação quando tem algum domínio da leitura e da escrita, bem como das principais operações matemáticas. Nesse contexto, a alfabetização geográfica não é lembrada, os conteúdos são ainda desconexos, deixam lacunas de uma realidade longe das discussões atuais, existe um retrocesso na aprendizagem em geografia e história, bem como das metodologias adotadas. Procurou-se considerar o processo como um todo e não apenas os fatos descritos acima, portanto, propõe-se discutir o importante papel da formação nesse grave problema que é o negligenciamento da Geografia Escolar. De um lado encontra-se a experiência que esses futuros professores tiveram em relação à aprendizagem em Geografia quando no passado foram alunos do Ensino Fundamental. Do outro, também existem lacunas nas metodologias utilizadas no ensino da Geografia na Modalidade Normal.

A DIMENSÃO CULTURAL DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

A Geografia Escolar presente nos currículos passou, ao longo de muitos anos, por distintas mudanças em suas características. De uma disciplina enraizada na descrição e memorização; sem nenhuma contextualização reflexiva de cunho social, passou a incorporar a dimensão cultural valendo-se das representações sociais onde as categorias de análise da Geografia produzem interessantes discussões, em especial a paisagem e o lugar.

Os desafios da cultura local vista nas paisagens, na vida social e no espaço humanizado no mundo contemporâneo nos faz perceber a intensa relação dos espaços mais distantes e do nosso lugar nas modificações ocorridas na vida em sociedade, nos proporciona uma inferência no processo de globalização que atualmente percebe-se mais presentes em nossa realidade, como herança e resultado das práticas sociais como a relação antrópica ao meio existente através de objetivos que norteiam a especificação desse estudo.

Em seus textos, os geógrafos culturais compartilham o mesmo objetivo de descrever e entender as relações entre a vida humana coletiva e o mundo natural, as transformações produzidas por nossa existência no mundo da natureza, e, sobretudo, os significados que a cultura atribui a sua existência e as relações com o mundo natural (COSGROVE, 2000, p.34)

Ratifica-se a produção acadêmica da Geografia Cultural na busca de auxiliar o entendimento vida humana sem sociedade a partir das questões culturais numa perspectiva de estudar os mais distintos significados presentes nessa produção coletiva bem como o trabalho na relação sociedade x natureza tendo em vista a ação antrópica como um processo cultural.

Mesmo considerando a dimensão cultural do espaço brasileiro em uma análise de intensas relações e compreendendo a cultura presente no espaço e no tempo não se pretendia nesse contexto uma postura de valorizar a produção acadêmica da Geografia Cultural, onde mesmo a regionalização do território era também um critério de cunho cultural e ao fazia-se necessário uma avaliação da importância de relevar esse posicionamento em prol da Geografia no Brasil. Em interação com a Geografia Cultural entende-se a Fenomenologia Geográfica por contribuir na construção de uma subjetividade do enfoque geográfico como integrante e interativo, possibilitando uma percepção espacial de cunho mais social, cultural, que possibilita o vivido/percebido ter uma interação com os aspectos da Geografia.

“A Geografia inspirada na fenomenologia enfoca de forma subjetiva a realidade na qual a intuição constitui um elemento importante no processo de conhecimento.” (PEREIRA et al, 2010, p. 176). No que diz respeito à Geografia Escolar, é necessário que se compreenda a importância do aluno no processo de aprendizagem geográfica não como um ser neutro que chega a escola como uma folha em branco, mas como um cidadão que traz uma riqueza de conhecimentos ligados ao seu cotidiano e que precisam ser valorizados na escola formal, proporcionando romper com procedimentos de exclusão, a exemplo do que trata Resende (2007).

O aluno não participa do espaço geográfico que estuda. Se o espaço não é encarado como algo que o homem (aluno) está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde, e a geografia torna-se alheia a ele. (...) os alunos efetivamente chegam a escola com um saber peculiar sobre o espaço que faz parte de suas respectivas histórias, das múltiplas atividades que enchem suas vidas, seu espaço cuja lógica eles aprendem na própria carne. (RESENDE, 2007, p.83)

Cabe aos professores valorizarem o espaço vivido dos alunos e integrá-los na construção de uma aprendizagem geográfica que de fato valorize a subjetividade. É necessário entender a história de vida desse aluno e compreender que a Geografia como ciência e como disciplina escolar, sem distinção, serve para ajudar a refletir as mais tênues discussões sociais. É possível correlacionar o espaço geográfico com o conhecimento prévio dos alunos, na curiosidade das descobertas da sala de aula, propor e objetivar de fato uma geografia criativa, questionadora das questões culturais relacionando os espaços próximos aos mais distantes, numa perspectiva de aprendizado do conteúdo da própria disciplina numa metodologia menos pragmática, conforme compreensão de Callai (2002):

Aprender a pensar significa elaborar a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com os outros saberes (do professor de, outros interlocutores), o seu conhecimento. Este conhecimento partindo dos conteúdos da Geografia significa uma “consciência espacial” das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que travam o mundo (CALLAI, 2002, p.93).

Entretanto, muitas vezes essa integração não está presente, ainda verifica-se que a antiga enumeração de dados, a centralização dos conteúdos no livro didáticos, dentre outras práticas que impede essa postura mais inovadora. Existe atualmente um vasto acervo de publicações na área que nos trazem a tona essa discussão, mas não raro observa-se esse negligenciamento na Geografia Escolar. Outro aspecto que se deve considerar são as representações do modo de vida em sociedade, através da cultura, proporcionando um sentido amplo dessas discussões na Prática Pedagógica em Geografia, evidenciando-se um posicionamento de inserção de uma educação voltada às representações sociais e culturais do indivíduo. Percebe-se a contribuição da Geografia Cultural na citação seguinte:

Estudar a diversidade cultural com base nos seus conteúdos materiais, admitir que a cultura esteja intimamente ligada ao sistema de representações, de significados, de valores que criam uma identidade que se manifesta mediante construções compartilhadas socialmente e expressas espacialmente, ou seja, de admitir que a cultura no seu sentido antropológico mais amplo representa todo modo de vida de uma sociedade, o que não inclui somente a produção de objetos materiais, mas um sistema cultural (valores morais, éticos, hábitos e significados expressos nas práticas sociais), um sistema simbólico e um sistema imaginário na construção da identidade espacial de um grupo. (ZANATTA, 2008, p.06)

É possível interpretar essas representações sociais presentes na construção do saber em Geografia, no entendimento formal onde a cultura, a relação da sociedade com o meio, a imaginação, a concepção de paisagem e lugar, as representações espaciais estão correlacionados aos objetivos da Geografia e coincidem com as discussões da Geografia Cultural, proporcionando uma intensa troca de referenciais teórico-metodológicos na aprendizagem geográfica, provocando uma abordagem do cultural na Geografia.

A compreensão do Lugar e a apropriação do mesmo como recurso para as aulas de Geografia são constantemente mencionados na literatura geográfica. É necessário estudar o lugar para compreender o mundo bem como as relações existentes entre o local/global e relacioná-las com a aprendizagem construtiva dos alunos, a subjetividade, as experiências baseadas nas discussões da sociedade que o mesmo vive.

Essa percepção de espaço está ligada à experiência vivida, a um espaço que, de certa forma, a experiência vivida seleciona e ordena. Assim, ganha ou não importância nesse espaço (ao contrário da hierarquia estabelecida de fora para dentro na transmissão escolar do espaço geográfico) aquilo que objetivamente adquire importância na trajetória vital de cada um (RESENDE, 2007, p. 86)

Considerar o espaço vivido na construção desse saber é um desafio na educação, nos questionamentos docentes e discentes. A título de exemplo, nas aulas de Geografia apresenta-se a disciplina escolar e seus conteúdos, metodologias, estratégias, avaliação entre outros meios didáticos afim de que o aluno alcance a aprendizagem acerca do Meio Urbano e Meio Rural. Porém, é no discurso dos alunos que vivenciam ambas as situações que encontra-se a consistência dessa realidade, o legado de cada um são meios concretos desse processo, conforme entendimento de Callai (2002):

Na Literatura Geográfica, o Lugar está presente de diversas formas. Estudá-lo é fundamental, pois ao mesmo tempo em que o mundo é global, as coisas da vida, as relações sociais se concretizam nos lugares específicos. E como tal a compreensão da realidade do mundo atual se dá a partir dos novos significados que assume a dimensão do espaço local. (CALLAI, 2002, p. 84)

O estudo do Lugar na Geografia é entendido como o resultado das relações existentes no meio, onde muitas vezes busca-se externamente as respostas do cotidiano e costumeiramente encontra-se na nossa realidade escolar e social, na cultura como forma de entender as dinâmicas espaciais, como sujeito produtor e reproduzidor desse saber valorizando o sentido de pertencimento, a afetividade na compreensão dos espaços. “Por meio da compreensão, é possível alcançar uma significação, revelar a essência dos fatos que representam experiências vividas” (ZANATTA, 2008, p.12). Antes de explorar e estudar o mundo é preciso compreendê-lo a partir do olhar daqueles que nele vivem, promover a inserção dessa metodologia como recurso didático que auxilie a Geografia no Ensino Fundamental através da percepção dos espaços não paralisados, mas que ultrapasse esse dilema e tenha-se, de fato, uma percepção cultural do que está no entorno.

Inquestionavelmente, a cultura está relacionada às representações sociais intrínsecas nas categorias de análise da Geografia, a ação antrópica observada na utilização dos recursos naturais possui um cunho cultural nesse entendimento, o patrimônio material e imaterial de uma sociedade são produtos de um recorte histórico que nos possibilita inferir essas relações como um todo, não apenas com o que se observa, mas com o que se sente.

Essa realidade vivenciada na síntese da paisagem propõe uma mudança na relação da aprendizagem geográfica onde se considera desde o homem, seu trabalho, o espaço fragmentado que o mesmo integra para compreender as especificidades da paisagem e de que forma podemos relacioná-la na aprendizagem, utilizar de fato como recurso metodológico presente no Ensino de Geografia.

A paisagem revela a realidade do espaço em um determinado momento do processo. O espaço é construído ao longo do tempo de vida das pessoas, considerando a forma como vivem o tipo de relação existente entre elas e que estabelecem a natureza. Dessa forma, o lugar mostra através da paisagem, a história da população que ali vive os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utiliza tais recursos. A paisagem é o resultado de construção do espaço. (CALLAI, 2002, p. 97)

Entender e compreender a paisagem vai além da percepção visual, está ligada ao espaço vivido, a percepção individual, o bairro, a escola, as relações sociais de cada indivíduo fazem parte da paisagem da sua realidade. A Geografia Escolar precisa de uma apreciação dos recursos que a própria sociedade a oferece para a aprendizagem no sentido de ampliar a discussão das categorias geográficas e associá-las ao cotidiano.

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, INTERDISCIPLINARIDADE E ENSINO DE GEOGRAFIA

Conforme está contido nas discussões apresentadas, a Geografia procura compreender o mundo a partir do espaço vivido. Nesse sentido, encontram-se presentes as representações sociais auxiliando nesses objetivos tem um cunho educacional, para uma escola veementemente mais cidadã. “As representações sociais são sistemas de concepções, imagens e valores que têm seu significado cultural próprio e persistem independentemente das experiências individuais.” (MOSCOVICI *apud* STEFENON, 2007, p. 07)

Como atualmente a velocidade da informação está cada vez mais constante em sua interação com a sociedade, para acompanhar esse processo, é necessário entender-se o mundo, as relações sociais existentes para, assim, representá-las. É no entendimento do meio que chegar-se a compreensão do mundo, as representações sociais auxiliam, pois são o substrato das relações.

Faz-se necessário pensar as representações sociais num plano de maior alcance, de complexidade social, comunicação comum que ultrapasse os limites teóricos das ciências, mas vivencie na realidade esses pressupostos epistemológicos, para que de fato ocorra práxis não como forma de embate, mas como uma contribuição ímpar no estudo, no nosso caso especial a Geografia.

O espaço representa um importante recurso, e vivenciá-lo remete a essa contribuição para o saber, nele ocorrem às interações entre sociedade e natureza, os movimentos têm seu cunho social, a cidadania se faz presente. Essa categoria abrange um leque de opções no estudo dessas relações sociais, conforme entendimento de Oliveira (2008, p. 154).

As experiências originadas dessas interações constituem o percebido e o vivido, e este é reconstruído em imagens pelas leituras produzidas na vivência como o ambiente. As experiências decorrem da manifestação das representações imaginárias dos indivíduos que constituem as idéias, os conceitos, os símbolos, e são mentalmente elaboradas num contexto ideológico particular e projetadas pelo pensamento.

Através do espaço vivido e percebido que pode-se exemplificar as experiências trazidas do meio à tona e as fazê-las centro das discussões dos agravantes e díspares situações sociais como a moradia, terra, conflitos urbanos, drogas para, a partir de então, e possamos embasá-los num pensamento plural e crítico, próprio da ciência.

A Geografia enquanto ciência tem propriedade maior nas discussões espaciais visto que tais discussões estão inclusas nas relações extremamente sociais vinculadas ao meio e a sociedade, portanto ao retratar-se o espaço, mesmo sem identificá-lo como geográfico estar-se georreferenciando esses objetivos e incubindo-a desse papel.

A Geografia é a ciência que estuda a construção do espaço pelos homens, a partir da forma como estão organizados em sociedades e das condições naturais daquele espaço, muitas vezes é justamente o que não é aparente, sendo a essência, portanto, e nem observável, necessitando ser descoberto, investigado. (HASSLER, 2008, p. 05)

No que se refere ao discurso da geografia escolar vista no cotidiano, pode-se perceber uma dicotomia entre o “saber ensinado” e o “saber aprendido” na educação sistemática, onde as orientações metodológicas levam a buscar uma interação entre o conteúdo da geografia do livro didático e a vida do aluno, o bairro, as representações sociais do lugar onde está inserido.

As aulas de Geografia deveriam ter como ponto de partida além do mundo vivido de cada um, como estaria sendo absorvido o conhecimento dos lugares, dado por informações de viagens, leituras de romances, livros policiais e mídia, etc. (NOGUEIRA, 2004, p. 128)

As metodologias aplicadas ao ensino de Geografia precisam, antes de tudo, compreender os lugares e suas relações, em especial sócio-espaciais investindo na interdisciplinaridade, não como forma de unir os conhecimentos, mas a fim de enriquecer e correlacionar esse saber tão presente e ao mesmo tempo distante do aluno, é necessário contextualizar. Igualmente, deve-se intensificar a vida do aluno o seu conhecimento escolar e questionar o papel da escola nesse processo que não deveria mais nem ser inovador, sim corriqueiro no cotidiano. É necessário aprender a pensar, que os tradicionais métodos concêntricos que persistem em existir não são mais capazes de explicar a efervescência da sociedade e suas múltiplas interações.

A Geografia, dessa forma deveria estar interessada em compreender como se dá a produção do lugar como ponto zero de nosso sistema pessoal de referência, além de entender o espaço como social, onde a intersubjetividade coletiva se manifesta. (STEFENON, 2007, p. 03)

Consiste em um desafio estabelecer um vínculo entre o espaço e sua produção/reprodução em um sentido de subjetividade coletiva que produz através dessas interações os mecanismos de entendimento e percepção do espaço vivido. O indivíduo (aluno) deve apropriar-se da consciência de sua posição de construtor e reproduzidor dessas representações sociais que se estende a um sentido político, cidadão, social de sua realidade. “(...) pois a aprendizagem

geográfica se faz em torno das idéias construídas através das relações que os alunos estabelecem com o espaço vivido na sociedade em geral, em relação aos conteúdos curriculares desenvolvidos na escola e nas demais instâncias.” (OLIVEIRA, 2008, p. 166). O sentido de pertencimento é que torna possível utilizar nas aulas de Geografia as representações sociais como recurso didático, por revelar a realidade como ela é.

Essa realidade não deve ser comparativa, mas reflexiva, questionadora, de viés social/político, a cidadania deve ter um exercício presente nessa aprendizagem. “(...) este estudo aponta novos caminhos as pesquisas em didática da geografia onde os modos de apreensão do espaço, como conteúdo das representações, constituem um referencial para o ensino/aprendizagem da geografia escolar.” (OLIVEIRA, 2008, p. 166)

A Geografia nessa percepção compreende uma reflexão da sua função social onde o saber escolar necessita estar ligado ao saber espacial para a compreensão verdadeira de uma educação geográfica voltada para a compreensão dos procedimentos próprios da ciência e estimular a sua utilização no cotidiano escolar, uma vez que se compreenda o papel da geografia nesse processo de alfabetização geográfica onde se percebe a dificuldade dos alunos no que diz respeito a esses questionamentos. “No ensino da Geografia, as questões sociais fazem parte do seu próprio objeto de estudo e é fundamental abordá-las em diferentes contextos de aprendizagem, tanto na área do próprio convívio escolar do aluno.” (HASSLER, 2008, p. 05).

Precisa-se analisar a Geografia numa ótica mais escolar, que ultrapasse as obsoletas discussões quanto à formação de bacharéis e licenciados, devendo-se pensar em metodologias que se adequem a interação entre a ciência e o ensino, possibilitando uma práxis renovadora no âmbito de uma Geografia mais Escolar, conforme entendimento de Cavalcanti (2002):

Nesse sentido, pode-se entender que a prática do geógrafo, no planejamento, as consultorias técnicas, na pesquisa (e não apenas nas atividades de ensino escolar), é uma prática educativa, é uma prática com dimensão pedagógica, porque possui finalidades, está ligada a projetos políticos, tem pretensões de intervenção na sociedade, nos seus modos de agir, nos valores, nos comportamentos, nas atitudes sociais com relação ao espaço geográfico (CAVALCANTI, 2002 p. 105).

É urgente a necessidade de pensar-se uma Geografia que auxilie na formação dos cidadãos, que pluralize as discussões de cunho social, onde a escola seja o palco principal dessas situações, onde o papel dos educadores seja reafirmado como formadores e não apenas como transmissores de conteúdos “enlatados”. É preciso refletir a postura do professor de Geografia e voltá-la para objetivos mais condizentes com a cidadania, conforme ressalta Vesentini (2004):

Não é possível formar cidadãos ativos sem haver uma cidadania ativa, que inclusive deve ser permanentemente expandida, enfim, sem haver uma sociedade democrática. E essa é uma tarefa para todos, não apenas para o professor. E é uma tarefa que não se ensina, mas se aprende conjuntamente, se aplica nas relações inter-humanas, inclusive no ensino. (VESENTINI, 2004, p. 31)

A postura de um ensino que busca uma educação cada vez mais cidadã deve permear os objetivos de introduzir no âmbito escolar as reflexões das relações sociais de forma integrada, em constante transformação, mostrando ao aluno seu papel ativo na sociedade, responsável e comprometido historicamente. A Geografia Escolar deve colaborar nesse sentido, através das metodologias que avançam em um pensamento de ensino menos centralizador no que diz respeito aos conteúdos escolares e mais reflexivo ao perceber o cotidiano como sala de aula.

O sentido de entender e socializar a Geografia Escolar faz parte de uma série de indagações dentro da aprendizagem, a função social desse ensino é prejudicada em muitas situações, infelizmente na sociedade atual as políticas não são públicas e muito menos questionáveis, fazem parte de um partidarismo favorecedor.

A aprendizagem fica, nesse sentido, aprisionada por não possuir a autonomia necessária, quando em sua grande maioria essas questões sociais a serem analisadas estão no seio da escola, na proximidade do aluno, na sua percepção de mundo, na sua aprendizagem, conforme menciona Oliveira (2008):

Utilizar-se do processo de ensino-aprendizagem a partir da elaboração mental, da comunicabilidade social estabelecidas pelo saber institucionalizado, da capacidade crítica, política e participativa desses sujeitos no mundo os levam a compreender a sua existência geográfica, Isso possibilita o pensar geográfico na/da vida, desmistifica a atitude formal com que muitos de “nós” nos acostumamos perante as exigências escolares. (OLIVEIRA, 2008, p. 153)

Nesse contexto, que a relação entre Geografia e Educação, proporciona uma maior interação os demais níveis de ensino, essa relação pode até não parecer de tamanha relevância, mas nas séries iniciais é impossível ela não ser considerada, ao adequar-se a geografia de forma mais escolar que fuja das tendências tradicionalistas que já estão marcadas em suas características de ciência que apenas descreve, classifica, mas que procure levar esses conhecimentos tradicionais visando fazer com que o aluno entenda a sua realidade sem seguir uma escala linear, e sim procurando interligá-las para melhor entender a complexidade do mundo, a partir do entendimento da vivência do meio.

Isso nos leva a uma prática interdisciplinar que atualmente é aconselhada pelas políticas educacionais, onde as distintas disciplinas presentes no currículo escolar podem desenvolver uma aprendizagem eficiente, objetivando o melhor para cada disciplina a partir da concepção de vivido, as nossas representações sociais são presentes e marcantes no desenvolvimento de um projeto dessa importância, que traz um retorno a comunidade, ao observar na educação os frutos de nossas reivindicações.

O começo da prática interdisciplinar provém das informações dos próprios professores, com a emergência das representações sociais do grupo, dos objetivos disciplinares e do conhecimento dos conteúdos trabalhados, para só então definir o objetivo principal da pesquisa e daí partir para o planejamento de ações interdisciplinares (PONTUSKA et al., 2009, p.176)

A pesquisa é um dos alicerces da prática pedagógica, incentivá-la faz parte das ações educativas mais eficazes, proporcionar uma interação interdisciplinar entre o saber e o meio é primordial. O professor tem sua grande parcela de contribuição quando pesquisa e ajuda a construir no aluno uma prática pesquisadora, um conhecimento reflexivo, dinâmico através dos conteúdos trabalhados e estudando o meio através de suas próprias representações sociais, conforme entendimento de Hassler (2008):

Cabe ao professor de Geografia aproximar-se de colegas de outras áreas, para enriquecer com mais subsídios a sua prática, fazendo um trabalho interdisciplinar em relação ao estudo do lugar; e no caso das séries iniciais, o próprio professor articular a aproximação dos diferentes saberes. Há várias formas de se trabalhar interdisciplinarmente, como o Estudo dos Temas Transversais, onde estudar lugares, territórios, paisagens e regiões pressupõem lançar mão de uma ampla base de conhecimentos que não se restringem àqueles produzidos dentro do corpo teórico e metodológico apenas da geografia. (HASSLER, 2008, p. 05)

Essa articulação interdisciplinar objetiva entender que as barreiras conteudistas e pragmáticas das disciplinas precisam ser quebradas pelo conteúdo da vida de cada aluno. O professor de Geografia tem um papel determinante nessa visão de leitura de mundo/vida, no sentido de que a Geografia traz consigo parte dessas discussões, mas que se complementam em outras áreas do saber através dessa interação.

Ver uma paisagem qualquer que seja do lugar em que o aluno mora ou de outra, fora de seu espaço de vivência, pode suscitar investigações que, com o suporte do professor, ajudarão a revelar e mostrar o que existe por trás do que se vê ou do que se ouve. No ensino básico, a presença de professores de vários componentes curriculares pode facilitar a efetivação de um estudo do meio, porque cada um deles possui uma formação específica necessária à compreensão do meio, objeto de estudo (PONTUSCHKA et. al., 2009, p.174)

Compreende-se que essa não é uma tarefa fácil, mas cabe aos professores de Geografia a missão de compreender o verdadeiro papel dessa ciência no contexto de informação cultural, social, onde o aluno comece a apresentar uma postura crítica sobre as transformações existentes na sua realidade local. Uma aplicação dessa metodologia pode ser feita no

momento em que o professor trabalha questões sociais, ambientais, culturais, políticas, presentes na Geografia, quando deve procurar compreender a realidade vivida pelos alunos e as condições que enfrentam relacionando com outros bairros, cidades e suas diferenças.

A PERCEÇÃO DOS FORMANDOS DO ENSINO MÉDIO NORMAL QUANTO A GEOGRAFIA ESCOLAR

Os elementos de interesse dessas reflexões tendem a valorizar a importância da formação do professor, uma vez que entende-se a dimensão da aprendizagem como um ato de constante transformação num ciclo construtivo. Considerando esse foco, o que o Ensino Médio, Modalidade Normal proporciona como aprendizagem para o aluno formando quanto às metodologias para o Ensino de Geografia? Até que ponto nessa formação está sendo discutida a Geografia Escolar como uma disciplina importante na formação dos futuros professores e como eles utilizarão esses conhecimentos com seus alunos de maneira a contribuir para a educação, em especial geográfica?

Existe uma dicotomia entre o saber aprendido e o saber ensinado, mas é uma questão de lógica entender que não se pode ensinar aquilo que não foi aprendido, portanto, uma difícil missão para os futuros professores. Questiona-se então, acerca da forma como ocorre a aprendizagem em Geografia no Ensino Médio Modalidade Normal.

“De forma que nós futuros educadores devíamos estar nos preparando para ensinar a disciplina Geografia, e não estarmos estudando os conteúdos de Geografia.” (Formanda Rita de Cássia da Silva)

“De forma não correta porque no Magistério era pra ser dada a didática e não um assunto que nós não precisamos por que já vimos no Ensino Médio. Como vamos saber ensinar nossos alunos se não aprendemos a ensinar?” (Formanda Edleuza Avelino do Nascimento)

“Para quem só quer concluir o 2º grau ta razoável, mas para quem quer ensinar de 1ª a 4ª série, está uma negação.” (Formando Ednaldo Carlos de Sousa)

“De forma muito lenta, pois acho que é considerada uma matéria escanteada, onde não era pra ser, pois é onde vamos aprender a ensinar nossos futuros alunos.” (Formanda Michelly Silva Sobral)

“O Curso do Magistério prepara os alunos para serem professores de 1ª a 4ª séries, porém não está havendo essa preparação na disciplina de Geografia, onde os professores só estão preocupados de ensinar a matéria para o vestibular.” (Formanda Sandra Paula Ferreira)

É possível observar uma considerável lacuna na formação desses futuros professores, uma vez que se percebe a deficiência do trabalho com as Metodologias do Ensino da Geografia que existiam anteriormente com as Disciplinas Didáticas, de forma muito tímida. O professor que está sendo formado desconhece os objetivos da Geografia pelo fato de que os mesmo não os foram apresentados. Paradoxalmente, existe um “desencontro” no currículo do Ensino Médio Normal quanto às disciplinas específicas entre a formação de professores e a preparação para o Vestibular. Na pior das hipóteses, essa formação não cumpre na totalidade nenhuma das duas funções.

Esse desencontro ainda persiste quando analisamos as políticas públicas para a Educação Nacional em um Currículo em Geografia, nesse caso temos os PCN's onde nos afirma que os métodos de ensino utilizados darão preferência à participação ativa do aluno, utilizando as diferentes linguagens disponíveis. Essa participação será orientada no sentido de levar os alunos a perceberem-se como elementos de toda a classe, sendo também responsáveis por atitudes adequadas de trabalho.

O ensino de Geografia, de forma geral é realizado por meio de aulas expositivas ou leitura dos textos do livro didático. Entretanto, é possível trabalhar com esse campo do conhecimento de forma mais dinâmica e instigante para os alunos, mediante situações que problematizem os diferentes espaços geográficos materializados em paisagens, lugares e territórios; que disparem relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e coletivas (BRASIL, 2001, p. 153).

Contudo, as contribuições dos PCNs para o Ensino de Geografia no cotidiano esbarram nas fronteiras do regionalismo, uma vez que o seu caráter centralizador dificulta a aplicação desses mesmos conteúdos numa situação homogênea nacionalmente. A situação escolar brasileira é rica na diversidade local, regional, além da diversidade étnica e cultural, e os PCN's defrontam-se com o desafio de criar uma unidade nacional sem enfraquecer a diversidade e evitar uma imposição metodológica, conforme entendimento de Morais (2007):

É fato que infelizmente os objetivos propostos pelos PCN's não sejam relacionados à nossa prática nas aulas de Geografia, empobrecendo o processo de aprendizagem dos nossos alunos. Caso houvesse mais empenho por nossa parte, a Geografia não seria apenas a ciência da descrição e realmente passaria a desempenhar suas funções e objetivos atuando nos mais diversos âmbitos da sociedade, mesmo nos alunos do ensino fundamental construindo uma idéia de cidadania, consciência ambiental, respeito, valores humanos, éticos e sociais (MORAIS, 2007, p. 12)

A sociedade necessita de uma Geografia aberta às discussões de forma interdisciplinar, que retrate o cotidiano do aluno e reflita na sua cidadania e definitivamente se distancie de uma Ciência que apenas descreve e classifica e que procure levar os conhecimentos necessários a fazer com que o aluno entenda a sua realidade sem seguir uma escala linear, e sim procurando interligá-las para melhor entender a complexidade do mundo

O formando sente dificuldades de lecionar Geografia e certamente levará essa deficiência para sua prática em sala de aula. É comum, ouvir dos alunos relatos de que na escola não estudaram alguns conteúdos da Geografia ou até mesmo que as aulas se resumiam a leitura e resumo de textos com resolução de imensos questionários, possivelmente decorrente da formação precária dos docentes.

A Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba publicou em 2006 os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba, Modalidade Normal, trabalho esse de grande importância para o direcionamento de discussões que produzidas nesse momento. Os Referenciais surgem como uma forma de consolidar a organização curricular desse nível de ensino, elaborado com a parceria de professores das Escolas Normais do Estado com objetivo de analisar e discutir as práticas pedagógicas vivenciadas.

Curioso que no texto do documento supracitado é sempre nítida uma preocupação para que o Ensino Normal possibilite a formação desses futuros professores contemplando a formação pedagógica através das disciplinas pedagógicas e das disciplinas de base comum, nessa última contemplou-se a Geografia onde destaca-se a seguinte recomendação ao professor formador.

Cada professor das disciplinas de base comum só poderá avançar para o ensino dos estudos programáticos do ensino médio quando as aprendizagens que se esperam das quatro primeiras séries do ensino fundamental estiverem asseguradas pelos formandos; o tempo para tais aprendizagens, porém não poderá ultrapassar o limite máximo do primeiro semestre da primeira série (PARAÍBA, 2006, p.40)

De fato, existem divergências entre as falas dos formandos e as orientações dadas aos professores formadores do Ensino Normal através de seus referenciais, pois as dificuldades quanto aos conhecimentos e metodologias das disciplinas de base comum provavelmente não são exclusividade da Geografia, portanto existem lacunas em outras áreas da formação desses profissionais. Esse desencontro entre a teoria e a prática nos ajuda a refletir que as incertezas que existem no processo educativo.

Os desafios da docência levam-nos ao questionamento da relação que existe entre a formação e a atuação do professor no cotidiano da sala de aula. Existe uma complexidade de elementos que se articulam e que contribuem para o desenvolvimento da prática pedagógica. Um curso de formação de professores tem a função de suprir não apenas a demanda de profissionais em quantidade, mas, sobretudo, em qualidade, por meio de uma sólida formação teórica que lhes possibilite enfrentar as contradições que emergem da e na práxis (MARTINS, 2009, p.168).

Existe um grande distanciamento entre a formação do professor e a realidade que o mesmo vivencia em sala de aula. O professor tem sua função no processo ensino aprendizagem nas séries iniciais onde se efetiva a base de uma formação cidadã, precisa-se refletir que profissionais se quer formar e para qual sociedade. Dentro dessa conjuntura, o Ensino Normal procura desenvolver habilidades e competências para o perfil desse educador o foco de referencia de suas escolhas e decisões profissionais.

Sua prática pedagógica veicula e expressa uma concepção de aprendizagem, espera-se, pois, que o profissional por nós formado seja capaz não só de distinguir, dentre várias concepções de aprendizagem, aquela que pretende operacionalizar, como também saber que tipo de prática a ela corresponde, isto é, que aspectos dessa prática a caracterizam como correspondente àquela concepção. (PARAÍBA, 2006, p.19)

A preparação do formando no Ensino Médio Modalidade Normal proporciona aos formandos a experiência do Estágio Supervisionado nas séries iniciais do Ensino Fundamental. A partir dessa vivência, pretende-se aqui refletir sobre o posicionamento dos mesmos quanto à prática pedagógica em Geografia desenvolvida nos estágios, quais as expectativas, incertezas, resultados que nortearam esse período, a percepção em relação ao Ensino de Geografia no Cotidiano Escolar.

“No momento do meu Estágio, as turmas que observei não tinham a matéria de Geografia ou se tinha não houve aula de Geografia no meu Estágio.”
(Formanda Katiane S. Rodrigues)

“Percebi uma enorme ausência. Hoje só é aplicado mais português e matemática e em final de ano é que é só aplicada Geografia. Os alunos só passam de ano de souber ler e escrever e as quatro operações.” (Formanda Carmem Joébia Sousa da Silva)

“Durante as cinco semanas de observação em todas as séries do ensino fundamental não vi nenhum professor ensinar Geografia. Apenas ensinavam português e matemática.” (Formanda Karina Sousa da Silva)

“Eu percebi no meu Estágio que os professores tratam a disciplina de Geografia como uma disciplina sem valor, eu passei um mês de estágio e não vi em nenhuma sala os professores aplicarem esses conteúdos.”
(Formanda Sandra Paula Ferreira)

“Não posso falar do Ensino de Geografia, pois no meu Estágio não houve essa disciplina.” (Formanda Verônica V. da Rocha)

“Eu senti muita dificuldade na minha docência para ensinar Geografia, os assuntos que eu recebi para aplicar tinha muitas dúvidas, que acho que devia ter sido tiradas na Escola Normal.” (Formando (a) Desconhecido)

A maioria dos relatos apresentados evidenciam as experiências obtidas através das observações da prática do professor regente da turma, deixando clara a ausência da Geografia no cotidiano das salas de aula. Os formandos, por sua vez, foram tímidos em relatar a prática deles quanto ao ensino da disciplina, as metodologias que aplicaram os recursos, isso em muitos casos deve-se ao fato de não se considerar as falhas no processo ensino-aprendizagem. Interessante que um formando relatou suas dificuldades e lamenta suas incertezas quanto a Geografia Escolar. A seriedade dessa discussão compete-nos a questionar acerca de como os professores estão sendo formados e as dificuldades dos professores atualmente em sala de aula que foram observados pelos formandos. Não justifica responsabilizar a Escola Normal, pois o professor é acima de tudo um pesquisador, porém, essa formação é omissa quanto a Geografia.

A lógica é que o que não se aprende, de forma alguma poderá se ensinar. O professor formador, o formando, o professor regente estão inclusos nessa dificuldade da sistematização do conhecimento geográfico escolar. Essa discussão não se limita ao Ensino Normal, ela abrange o tratamento que vem sendo dada a Geografia ao longo de mais de um século de discussões por uma nova postura e pasmem tantas permanências, conforme entendimento de Albuquerque (2008):

E o certo é que antes de propormos mudanças para as práticas escolares é necessário imos as escolas para conhecermos mais de perto as experiências positivas de transformações que se desenvolvem por todo o país, haja vista as publicações nos anais de congressos e seminários de geografia ou de educação. Caso contrário desenvolveremos teorias que pouco se difundem e são compreendidas e efetivamente aplicadas, visto que não surgem como necessidade da prática. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 09)

As contribuições dos estudos acadêmicos devem ser mais que questionamentos e reflexões, precisam ter um enfoque prático no cotidiano das nossas escolas. A Universidade precisa estar mais presente na Escola através da formação desses profissionais, esse distanciamento existente perde o cunho social e democrático da pesquisa.

Estudar Geografia precisa ser um exercício de clareza na base educacional da nossa escola, um ensino presente na nossa realidade. O aluno nessa aprendizagem tem curiosidade do que está a sua volta, nosso posicionamento ultrapassado de não reconhecer nossas dificuldades de ensinar/aprender é que distancia a Geografia desse aluno. A nossa prática de certo modo colabora com os resultados do ensino, a disciplina valorizada por ações práticas de aprendizagem trazem um novo direcionamento para esse ensino mudando a visão do discente nesse processo.

Na essência do Projeto Político Pedagógico do Ensino Médio Modalidade Normal existe uma preocupação voltada para o Estágio dos Formandos visando a formação de profissionais comprometidos com a aprendizagem de seus alunos, com a pesquisa, uma preparação para a prática que é discutida ao longo de todo curso. A incerteza é quanto aos resultados desse processo preparatório no que diz respeito a não ser apenas o fim, mas que seja o ápice da vida profissional, surja ali às bases pedagógicas daquele profissional. Ou seja, o Estágio Supervisionado do Ensino Normal precisa possuir um caráter significativo de experiências, precisa ser inovador não só para as turmas por onde o formando lecionou, mas para a sua prática como professor, seja uma investigação e busca de melhorias no ensino a partir da sua prática.

Preparar para a docência é, pois, dar continuidade, é desenvolver capacidades supostamente em desenvolvimentos e, nelas, avançar. Como aspectos que poderão contribuir para a definição do(s) objetivo (s) dessa prática registramos alguns: fazer o formando avançar na auto-percepção como professor; ampliar o seu conhecimento sobre o cotidiano da sala de aula; favorecer a sua percepção da prática docente como objeto de reflexão, de investigação de conhecimento; oferecer-lhe oportunidades para a identificação dos seus próprios domínios e conquistas, como também das lacunas e limites da sua formação a serem superados; contribuir para que ele conheça melhor suas capacidades e limites relativos aos relacionamentos pessoais e profissionais. (PARAÍBA, 2006, p.60)

Ratifica-se essa compreensão da docência e sua importância no Ensino Médio Modalidade Normal, atendendo a aspectos que compreendem a formação de objetivos estruturais para essa prática. O que evidenciamos é que o formando precisa no contexto do Estágio identificar as situações problemas que persistem há muito tempo na escola, questões básicas, pontuais e possam intervir da maneira que lhes cabe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades encontradas em lecionar Geografia podem ser traduzidas como reflexos de uma aprendizagem que deixou sérias lacunas e não se pode aqui apontar culpados por essa situação. Os questionamentos propostos não são de caráter qualificador da Geografia como a mais importante disciplina escolar, mas objetivaram uma valorização do seu papel na construção da aprendizagem significativa aos alunos, buscando definir seus objetivos no cotidiano escolar. Afinal, é necessária a consciência da alfabetização geográfica no intuito de fortalecer os conhecimentos através dos conteúdos da disciplina, não apenas pela via dos conteúdos escolares e que se tenha na educação uma visão de leitura de mundo.

As relações sociais presentes no cotidiano dos alunos, que na maioria dos casos fica distante da escola, mesmo estando tão próximas, até quando sabe-se que a escola tem em seus objetivos discutir as relações em sociedade. Introduzir na escola uma proposta de educação mais cultural, que através da aprendizagem se possa ter a sensibilidade de ler o mundo, para compreender uma educação mais cidadã, menos metódica.

Ao debruçar o olhar sobre a pesquisa é possível entender claramente a percepção que os formandos do Ensino Médio Modalidade Normal têm das experiências vividas quanto a Geografia na Educação Básica, vistas a partir de três pontos: quando alunos do ensino fundamental, uma disciplina baseada no tradicionalismo das metodologias aplicadas; quando formandos do ensino normal a necessidade de uma formação para as metodologias de ensino de Geografia; quando estagiários do curso normal a dificuldade de lecionar os conteúdos da geografia representando um reflexo das lacunas deixadas pela formação.

Espera-se que, a partir dessas reflexões, seja possível perceber na formação dos professores, na prática pedagógica, nas discussões educacionais, uma postura de fato renovadora quanto Aprendizagem em Geografia.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Um século de prática de Ensino de Geografia: permanências e mudanças. In: XV Encontro Nacional de Geógrafos, **Anais 2008, Encontro Nacional de Geógrafos - O espaço não pára - por uma AGB em movimento**. São Paulo: AGB, 2008.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. (org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2002, p. 183 -103.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Formação Crítica do Profissional em Geografia: elementos para o debate. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: Alternativa, 2005, p. 101-121.

COSGROVE, Denis. Mundo de Significados: Geografia Cultural e Imaginação. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zenny. (orgs); tradução de Tânia Shepherd. **Geografia Cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: ED. UERJ, 2000, p. 33 - 60.

HASSLER, Márcio Luís. Contribuição Geográfica para o Estudo do Lugar. **Mercator**. Fortaleza, vol. 16, nº 02, p. 01- 09, 2009.

MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypyezynski. Construção dos saberes docentes do professor de Geografia. **Mercator**. Fortaleza, vol.08, nº 16, p. 167-175, 2009.

MORAIS, Jonathas Eduardo Domingos. Compreendendo o saber Geográfico, sua importância no Ensino Fundamental e na Prática Pedagógica do Professor de Geografia. **VI Encontro Nacional de Ensino de Geografia – Fala Professor – Anais**. UFU, Uberlândia, 2007.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Mapa Mental: Recurso Didático para o Estudo do Lugar. In: PONTUSKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (orgs). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2004 p. 125 - 130.

OLIVEIRA, Marlene Macário de. O processo de ensino-aprendizagem na Geografia: uma revisão necessária. **Revista Terra Livre**, São Paulo, vol.01, nº 30, 2008 p. 151 – 170.

PARAÍBA, Secretaria de Estado de Educação e Cultura. **Referenciais Curriculares da Paraíba: Ensino Médio Modalidade Normal: Formação Docente para a Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental**. Secretaria de Educação e Cultura. João Pessoa, 2006.

PEREIRA, Luiz Andrei Gonçalves. I. S.: CORREIA, A. P.: OLIVEIRA. Geografia Fenomenológica: Espaço e Percepção. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, vol. 11, nº 35, 2010, p. 173-178.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H.. Estudo do Meio: Momentos significativos de apreensão do real. In: PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009, p. 171 - 200.

RESENDE, Márcia M. Spyer. O saber do aluno e o ensino de geografia. In: VESENTINI, Jose William.(org.). **Geografia e Ensino: Textos Críticos**. São Paulo: Papirus, 2007, p. 83 -113.

STEFENON, Daniel Luiz. Geografia e Imaginário: Aproximação entre a Teoria das Representações Sociais e a Escola. In.: **II Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações, 12, 2007, Salvador. Anais**. Instituto de Geociências, Mestrado em Geografia da UFBA, Departamento de Geografia da UFPR. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 1-11. CD-ROM.

VESENTINI, Jose William. Educação e Ensino de Geografia: Instrumentos de Dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (org.). **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 14-33.

ZANATTA, Beatriz Aparecida. A abordagem cultural na Geografia. **Temporis (ação)**. Goiânia, vol.01, nº 09, p. 01- 12, 2008.